

## **Morte e suicídio nos aforismas de Friedrich Nietzsche**

*Humano, demasiado humano — Um livro para espíritos livres*

*Seção: Contribuição à história dos sentimentos morais*

**80.**

*O ancião e a morte.* — Deixando à parte as exigências da religião, é lícito perguntar: por que seria mais louvável para um homem envelhecido, que sente a diminuição de suas forças, esperar seu lento esgotamento e dissolução, em vez de, em clara consciência, fixar um termo para si? Neste caso o suicídio é uma ação perfeitamente natural e próxima, que, sendo uma vitória da razão, deveria suscitar respeito: e realmente o suscitava, naquele tempo em que os grandes da filosofia grega e os mais valentes patriotas romanos costumavam recorrer ao suicídio. Já o anseio de prolongar dia a dia a existência, com a angustiante assistência médica e as mais penosas condições de vida, sem força para se aproximar do verdadeiro fim, é algo muito menos respeitável. — As religiões são ricas em expedientes contra a necessidade do suicídio: com isto elas se insinuam junto aos que são enamorados da vida.

**88.**

*Impedimento do suicídio.* — Há um direito segundo o qual podemos tirar a vida de um homem, mas nenhum direito que nos permita lhe tirar a morte: isso é pura crueldade.

*Seção: Sinais de cultura superior e inferior*

**292.**

*Avante.* — (...) Então é chegado o momento, e não há por que se enraivecer de que a névoa da morte se aproxime. Em direção à luz — o seu último movimento; um grito jubiloso de conhecimento — o seu último som.

*Seção: O homem em sociedade*

**322.**

*A família do suicida.* — Os familiares de um suicida não lhe perdoam não ter ficado vivo em consideração ao nome da família.

*Seção: O homem a sós consigo*

**510.**

*Motivos de consolo.* — Quando morre alguém, em geral necessitamos de motivos de consolo, não tanto para mitigar a dor quanto para ter uma desculpa por nos sentirmos tão facilmente consolados.

## *Humano, demasiado humano II*

*Seção: Opiniões e sentenças diversas*

**88.**

*Não importa como se morre.* — A maneira como uma pessoa pensa na morte, durante sua vida mais plena, no apogeu seu vigor, é testemunha eloquente daquilo que denominamos seu caráter; mas a hora da morte em si, sua atitude no leito de morte, quase não importa quanto a isso. O cansaço da existência que se vai, sobretudo quando morrem pessoas idosas, a nutrição irregular ou insuficiente do cérebro nesse derradeiro instante, a dor eventualmente muito forte, o que há de novo e não experimentado em toda a situação e, com frequência, o surgimento ou retorno de impressões e angústias supersticiosas, como se muita coisa estivesse em jogo e uma ponte das mais horríveis fosse então ultrapassada<sup>1</sup> — isso tudo não *consente* utilizar o ato de morrer como atestado acerca do vivo. Também não é verdadeiro que o moribundo, em geral, seja *mais honesto* que o vivo: sucede, isto sim, que a atitude solene dos circunstantes, as torrentes de lágrimas e emoções, francas ou contidas, induzem quase todo moribundo a uma comédia de vaidade, ora consciente, ora inconsciente. A seriedade com que todo moribundo é tratado certamente constitui, para muitos pobres coitados, o mais delicado prazer de toda a sua vida, e uma espécie de indenização e pagamento parcial por tantas privações.

**94.**

*Assassinatos legais.* — Os dois maiores assassinatos legais da história do mundo foram, falando sem rodeios, suicídios mascarados e bem mascarados. Em ambos os casos a pessoa *quis* morrer; em ambos os casos, fez com que a mão da injustiça humana lhe introduzisse a espada no peito<sup>2</sup>.

**307.**

*Cuidando de seu passado.* — Como os homens estimam, afinal, apenas o que foi fundado há muito tempo e desenvolvido lentamente, aquele que deseja prosseguir vivendo após a sua morte deve cuidar não somente da posteridade, mas sobretudo do *passado*: é por isso que tiranos de toda espécie (também artistas e políticos tirânicos) gostam de violentar a história, a fim de que ela apareça como preparação e escada que conduz a eles.

---

<sup>1</sup> Nietzsche parece aqui se aproximar da visão socrática, especificamente exposta no Fédon, de que não se pode (ou não se deve) temer a morte, uma vez que sobre ela nada de fato sabemos. Prova disso é a passagem “como se muita coisa estivesse em jogo e uma ponte das mais horríveis fosse então ultrapassada” [grifo meu].

<sup>2</sup> Aqui segue a seguinte nota do tradutor Paulo César de Souza à edição de *Humano, demasiado humano II* da ed. Companhia das Letras (2008): “Nietzsche se refere, como bem sabem seus leitores contumazes, à morte de Sócrates e à de Jesus de Nazaré”. Talvez, mais do que a óbvia relação entre as mortes de Sócrates e Cristo no aforisma nietzscheano, seja oportuno lembrar que o pretor romano Marco Júnio Bruto (85-42 a.C.), após perder a Batalha de Filipos (42 a.C.) e perseguido por Antônio e Otaviano, suicidou-se com uma espada trespassada pelo peito tendo dito “Virtude, não passas de um nome” (cf. Cícero, *Do sumo bem e do sumo mal*, 2005, Martins Fontes, pp. 1). Será que o filósofo alemão desconhecia esse fato?

**373.**

*Depois da morte.* — Em geral, só muito depois da morte de um homem achamos incompreensível a sua ausência: no caso de homens muito grandes, às vezes somente após décadas. Quem é sincero acha geralmente, no caso de uma morte, que a ausência não é muita e que o solene orador fúnebre é um hipócrita. Apenas a necessidade mostra como um indivíduo é necessário, e o epitáfio justo é um suspiro tardio.

**408.**

*Descida ao Hades.* — Também eu estive no mundo inferior, como Ulisses, e frequentemente para lá voltarei; e não somente carneiros sacrifiquei, para poder falar com alguns mortos: para isso não poupei meu próprio sangue. Quatro foram os pares [de mortos] que não se furtaram a mim, o sacrificante: Epicuro e Montaigne, Goethe e Spinoza, Platão e Rousseau, Pascal e Schopenhauer. Com esses devo discutir quando tiver longamente caminhado a sós, a partir deles quero ter razão ou não, a eles desejarei escutar, quando derem ou negarem razão uns aos outros. O que quer que eu diga, decida, cogite, para mim e para os outros: nesses oito fixarei o olhar, e verei seus olhos em mim fixados. — Que os vivos perdoem se às vezes me parecem sombras, tão pálidos e aborrecidos, tão inquietos e oh! tão ávidos de vida: enquanto aqueles me aparecem tão vivos, como se agora, *depois* da morte, não pudessem jamais se cansar de viver. Mas o que conta é a *eterna vivacidade*: que importa a “vida eterna” ou mesmo a vida!

*Seção: O andarilho e sua sombra*

**8.**

*Na noite.* — (...) — a todo vivente desejamos, porque vive tão oprimido, um repouso eterno; a noite persuade a morrer. (...)

**16.**

*Onde é necessária a indiferença.* — (...) *Todo* o resto deve ficar mais próximo de nós do que aquilo que até hoje nos foi ensinado como o mais importante; refiro-me às questões: que finalidade tem o homem? Qual seu destino após a morte? Como se concilia ele com Deus?, ou seja lá como se exprimam tais curiosidades. (...)

**58.**

*Novos atores.* — Não há, entre os seres humanos, banalidade maior do que a morte; em segundo lugar vem o nascimento, pois nem todos os que morrem chegam a nascer; depois vem o matrimônio. Mas, em todas as suas não contadas e incontáveis apresentações, essas pequenas tragicomédias são representadas por novos atores, e por isso não cessam de ter novos espectadores interessados: quando seria de crer que a plateia inteira do teatro terreno, enfasiada com ele, há muito tempo já se enforcou em todas as árvores. Tanta importância têm os novos atores, tão pouca tem a peça.

**185.**

*A morte racional.* — O que é mais racional, parar a máquina, quando a obra que dela se exigia foi completada — ou deixa-la funcionando até que pare por si mesma, isto é, até que se estrague? O segundo caso não é um esbanjamento dos custos de manutenção, um abuso da energia e atenção daqueles que cuidam? Não é aí jogado fora o que muito se necessita em outra parte? Não se cria até mesmo uma espécie de desdém pelas máquinas quando muitas delas mantidas e entretidas inutilmente? — Estou falando da morte involuntária (natural) e da morte voluntária (racional). A morte natural é aquela independente de toda razão, a propriamente *irracional*, em que a miserável substância da casca determina quanto tempo deve existir o núcleo: ou seja, em que o minguado, enfermo, obtuso guardião da cadeia é o senhor que designa o instante em que o seu nobre prisioneiro deve morrer. A morte natural é o suicídio da natureza, isto é, a destruição do ser mais racional pelo elemento mais irracional que a ele está ligado. Apenas sob a luz da religião pode parecer o contrário: porque então, como é de esperar, a razão superior (de Deus) dá as ordens, a que a razão inferior deve se dobrar. Fora da religião, a morte natural não é digna de glorificação. — A sábia organização e disposição da morte faz parte da moral do futuro, agora incompreensível e imoral na aparência, mas cuja aurora é uma indescritível felicidade de observar.

**322.**

*Morte.* — Com a perspectiva certa da morte, uma deliciosa, odorosa gota de leviandade poderia ser mesclada a cada vida — mas vocês, estranhas almas de farmacêuticos, dela fizeram uma gota de veneno de mau sabor, com que toda a vida se torna repugnante!

\*\*\*

*Aurora – Reflexões sobre os preconceitos morais*

*Livro IV*

**349.**

*Nem tão importante assim.* — Ao assistirmos a uma morte, constantemente nos surge um pensamento que reprimimos de imediato, por um falso sentimento de decoro: o de que o ato de morrer não é tão significativo como pretende o respeito geral, e de que provavelmente o moribundo perdeu coisas mais importantes na vida do que o que está para perder. O fim, no caso, certamente não é a meta.

\*\*\*

*A Gaia Ciência*

*Livro II*

**109.**

*Guardemo-nos!* — (...) O que está vivo é apenas uma variedade daquilo que está morto, e uma variedade bastante rara. (...)

*Livro III*

**131.**

*O cristianismo e o suicídio.* — O cristianismo fez da enorme ânsia de suicídio, que havia no tempo em que nasceu, uma alavanca para o seu poder: deixou apenas duas formas de suicídio, revestiu-as de suprema dignidade e elevadas esperanças, e proibiu de forma terrível todas as demais. Mas foram permitidos o martírio e o prolongado auto-aniquilamento físico dos ascetas.

**152.**

*A maior mudança.* — A iluminação e o colorido das coisas mudaram! Já não compreendemos totalmente como os antigos experimentavam o que era mais frequente e imediato — o dia e a vigília, por exemplo: desde que acreditavam nos sonhos a vida desperta tinha outras luzes. E igualmente a vida inteira, com o reflexo da morte e de sua importância: a nossa “morte” é bastante diferente (...).

**262.**

*Sub specie aeterni* [Do ponto de vista da eternidade]. — A: “Você se afasta cada vez mais dos que vivem: logo eles o apagarão de suas listas!”. — B: “É a única maneira de partilhar o privilégio dos mortos!”. — A: “Qual privilégio?”. — B: “Não mais morrer”.

*Livro IV*

**278.**

*O pensamento da morte.* — Em mim me produz uma melancólica felicidade de viver nessa profusão de vielas, de necessidades, de vozes: quanta fruição, quanta impaciência e cobiça, quanta sede e embriaguez de vida não se manifestam aí a cada instante! Mas logo haverá tanto silêncio para todos esses viventes ruidosos e sequiosos de vida! Como atrás de cada um está sua sombra, sua obscura companheira de viagem! É sempre como no último minuto antes da partida do navio de emigrantes: as pessoas têm mais a se dizer do que nunca, a hora urge, o oceano e sua desolada mudez esperam impacientes por trás de todo ruído — tão cobiçosos e seguros de sua presa. E todos, todos acham que o Até-então foi pouco, muito pouco, e o futuro iminente será tudo: daí toda a pressa, a gritaria, o atordoar-se e avantajar-se! Cada um quer ser o primeiro nesse futuro — mas a morte e seu silêncio são a única coisa certa e comum a todos nesse futuro! Estranho que essa única certeza e elemento comum quase não influa sobre os homens e que nada esteja *mais distante* deles do que se sentirem irmãos na morte! Fico feliz em ver que os homens não querem ter o pensamento da morte! Eu bem gostaria de fazer algo para lhes tornar o pensamento da vida mil vezes *mais digno de ser pensado*.

*Livro V*

**365.**

*O eremita fala novamente.* — (...) que entre nós se chama vida e bem poderia chamar-se morte, se não soubéssemos o que de nós será — e que somente após a morte chegaremos a *nostra* vida e ficaremos vivos, ah, muito vivos! nós, seres póstumos!” (...)

*Seção: “Brincadeira, Astúcia e Vingança”: Prelúdio em rimas alemãs*

**41.**

*Heraclitismo*

Toda a felicidade que há na terra,  
Meus amigos, vem da luta!  
Sim, a amizade requer  
Os vapores da pólvora!  
Em três coisas se unem os amigos:  
São irmãos na miséria,  
Iguais ante o inimigo,  
E livres diante da morte!

\*\*\*

*Além do Bem e do Mal – Prelúdio a uma Filosofia do Futuro*

*Máximas e Interlúdios*

**157.**

O pensamento do suicídio é um forte consolo: com ele atravessamos mais de uma noite ruim.

\*\*\*

*Crepúsculo dos Ídolos ou como se filosofa com o martelo*

*Seção: Incursões de um Extemporâneo*

**36.**

*Moral para médicos* — O doente é um parasita da sociedade. Num certo estado, é indecente viver mais tempo. Prosseguir vegetando em covarde dependência de médicos e tratamentos, depois que o sentido da vida, o *direito* à vida foi embora, deveria acarretar um profundo desprezo na sociedade. Os médicos, por sua vez, deveriam ser os intermediários desse desprezo — não apresentando receitas, mas a cada dia uma dose de *nojo* a seus pacientes... Criar uma nova responsabilidade, a do médico, para todos os casos em que o supremo interesse da vida, da vida *ascendente*, exige a mais implacável supressão e rejeição da vida *que degenera* — por exemplo, para os casos do direito à procriação, do direito de nascer, do direito de viver... Morrer orgulhosamente, quando não é mais possível viver orgulhosamente. A morte escolhida livremente, a morte empreendida no tempo certo, com lucidez e alegria, em meio a filhos e testemunhas: de modo que ainda seja possível uma real despedida, em que ainda *está ali* aquele que se despede, assim como uma real avaliação do que foi alcançado e pretendido, uma *suma* da vida — tudo contraste com a miserável e terrível comédia que o cristianismo fez da hora da morte. Não se deve jamais esquecer, em relação ao cristianismo, que ele se aproveitou da fraqueza do moribundo para cometer violação da consciência, e da própria maneira de morrer para formular juízos de valor sobre o indivíduo e seu passado! — A questão, aqui, desafiando todas as covardias do preconceito, é estabelecer antes de tudo a apreciação correta, ou seja, fisiológica, da chamada morte *natural*; que, afinal, também não passa de uma morte “não natural”, de um suicídio. Não se perece jamais por obra de outro alguém, apenas de si mesmo. Mas a morte nas condições mais

desprezíveis é uma morte não livre, uma morte no tempo *errado*, uma morte covarde. Por amor à *vida* se deveria desejar uma outra morte, livre, consciente, sem acaso, sem assalto... Por fim, um conselho para os senhores pessimistas e outros *decadentes*. Não nos é dado nos impedir de nascer: mas podemos reparar esse erro — pois às vezes é um erro. Se alguém se *elimina*, faz a coisa mais respeitável que existe: com isso, quase se merece viver... A sociedade, que digo eu?, a *vida* mesma tira mais proveito disso que de alguma “vida” na renúncia, na anemia e outras virtudes — os outros foram poupados dessa visão, a vida foi poupada de uma *objeção*... O pessimismo, *pur, vert* [puro, verde], é *provado apenas* pela auto-refutação dos senhores pessimistas: há que dar um passo adiante em sua lógica, não apenas negar vida com “vontade e representação”, como fez Schopenhauer — há que *primeiro negar Schopenhauer*... Embora contagioso, o pessimismo, diga-se de passagem, não aumenta a morbidez de uma época, de uma geração como um todo: ele é sua expressão. Sucumbe-se a ele como se sucumbe à cólera: é preciso já ter suficiente predisposição mórbida para isso. O pessimismo não produz, por si, um único *decadente*; lembrarei o resultado da estatística, de que os anos em que a cólera grassou não se distinguiram dos outros pelo número total dos casos de morte.